E-ISSN 2359-6856
ARTIGO

ESCREVIVÊNCIAS DE RESISTÊNCIA: INTERSECCIONALIDADE E NECROPOLÍTICA NO CONTO 'MARIA', DA COLETÂNEA *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

ESCREVIVÊNCIAS OF RESISTANCE: INTERSECTIONALITY AND NECROPOLITICS IN THE SHORT STORY 'MARIA' FROM THE COLLECTION OLHOS D'ÁGUA BY CONCEIÇÃO EVARISTO

https://orcid.org/0000-0002-9334-0527 Marcos Vinícius Dias de Menezes [A]
https://orcid.org/0000-0001-8727-4554 Anderson Soares Gomes [B]

[A] Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil
[B] Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil

Recebido em: 25 de janeiro de 2025 | **Aceito em:** 03 de fevereiro de 2025
Correspondência: Marcos Vinícius Dias de Menezes (mv.menezes2013@gmail.com)

Resumo

Este artigo apresenta uma análise do conto *Maria*, da coletânea *Olhos D'água* (2014), de Conceição Evaristo, derivada do projeto de monografia *A Interseccionalidade e a Docência Literária em Três Contos de Olhos D'Água, de Conceição Evaristo*. A pesquisa articula reflexões teóricas e interpretações pessoais dos autores e dos participantes do clube de leitura online *Escrevivências Ciberfeministas*. O estudo examina como o conto *Maria* evidencia as dinâmicas de resistência e marginalização das mulheres negras no Brasil, a partir dos marcadores interseccionais de gênero, raça e classe. Os conceitos de interseccionalidade (Crenshaw, Akotirene) e de necropolítica (Mbembe), são centrais para compreender como diferentes opressões se cruzam, tornando certas vidas mais vulneráveis à violência e ao abandono. Essa lógica se manifesta na trajetória da protagonista, evidenciando a criminalização dos corpos negros, a exploração e a exclusão naturalizadas pela sociedade. Além de destacar a potência da escrita de Conceição Evaristo na denúncia das desigualdades e na valorização da resistência e da identidade negra, a pesquisa enfatiza o clube de leitura como espaço essencial de debate crítico e pertencimento. A troca coletiva entre os leitores amplia as possibilidades de interpretação e engajamento com a obra, reafirmando a literatura como instrumento de luta e conscientização social.

Palavras-chave: Literatura negra, interseccionalidade, necropolítica, resistência, clube de leitura online.

Abstract

This article presents an analysis of the short story *Maria*, from the collection *Olhos D'água* (2014) by Conceição Evaristo, based on the monographic research project *A Interseccionalidade e a Docência Literária em Três Contos de Olhos D'Água, de Conceição Evaristo*.The study combines theoretical reflections with personal interpretations from the authors and participants of the online reading club *Escrevivências Ciberfeministas*. It examines how *Maria* portrays the dynamics of resistance and marginalization of Black women in Brazil through the intersectional markers of gender, race, and class. The concepts of intersectionality (Crenshaw, Akotirene) and necropolitics (Mbembe) are central to understanding how different forms of oppression intersect, making certain lives more vulnerable to violence and neglect. This logic is reflected in the protagonist's journey, highlighting the criminalization of Black bodies, systemic exploitation, and the naturalized exclusion in society. In addition to emphasizing the power of Conceição Evaristo's writing

2025 ***Menezes; Gomes****. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comercias, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.*

in exposing social inequalities and valuing Black identity and resistance, the research underscores the reading club as a vital space for critical debate and belonging. The collective exchange among readers broadens the possibilities for interpretation and engagement with the text, reaffirming literature as an instrument of struggle and social awareness.
Keywords: Black literature, intersectionality, necropolitics, resistance, online reading club.

Introdução

A literatura tem sido, ao longo da história, uma poderosa ferramenta de resistência e afirmação identitária para grupos marginalizados. No Brasil, a produção literária de Conceição Evaristo destaca-se por evidenciar as vivências e lutas das mulheres negras, ampliando a compreensão sobre os impactos do racismo, do sexismo e da desigualdade social. Suas narrativas dialogam com experiências de exclusão e violência, mas também com estratégias de sobrevivência e fortalecimento comunitário. Nesse contexto, a leitura coletiva, em clubes de leitura, se torna um espaço de reflexão crítica, permitindo que as obras de Evaristo sejam analisadas à luz de conceitos como interseccionalidade e necropolítica.

Compreender como essas discussões emergem em espaços coletivos de leitura é fundamental para pensar o papel da literatura na construção de novas possibilidades de existência. O clube de leitura Escrevivências Ciberfeministas, idealizado e promovido por mulheres negras engajadas no ciberfeminismo, estabelece um ambiente de debate crítico sobre literatura, raça e gênero. Suas atividades possibilitam que participantes reflitam sobre as opressões estruturais e sobre a potência da escrita de mulheres negras como forma de resistência.

Este estudo é um recorte da monografia *A Interseccionalidade e a Docência Literária em Três Contos de Olhos D'Água, de Conceição Evaristo*[1], na qual foram aprofundadas as discussões sobre a literatura como ferramenta de resistência e a atuação do clube de leitura online *Escrevivências Ciberfeministas* na mediação dessas reflexões e sua aplicação na docência literária. A pesquisa monográfica analisou como os debates promovidos pelo clube contribuem para a compreensão crítica da realidade social das mulheres negras, articulando teoria e experiência vivida no processo de leitura coletiva.

[1] Orientada pelo professor Anderson Soares Gomes e coorientada pela professora Edméa Santos, a monografia *A Interseccionalidade e a Docência Literária em Três Contos de Olhos D'Água, de Conceição Evaristo*, de autoria de Marcos Vinícius Dias de Menezes, foi defendida e aprovada em 27 de junho de 2024, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Dessa forma, este estudo investiga de que maneira a narrativa do conto “Maria”, da coletânea *Olhos D’Água* (2014), evidencia os mecanismos de violência estrutural e exclusão impostos às mulheres negras no Brasil. A partir da análise desses contos e das discussões realizadas no clube de leitura, busca-se compreender como as experiências das personagens dialogam com a realidade social das mulheres negras e quais reflexões emergem desse processo de leitura coletiva.

Os conceitos centrais que orientam esta análise são a interseccionalidade e a necropolítica. A interseccionalidade, formulada por Kimberlé Crenshaw e aprofundada no Brasil por Carla Akotirene, permite compreender as múltiplas formas de opressão que atravessam as personagens de Evaristo, considerando raça, gênero e classe social como fatores estruturantes da desigualdade. Já a necropolítica, conceito desenvolvido por Achille Mbembe, oferece subsídios para analisar como o Estado e a sociedade estruturam mecanismos de exclusão que condenam determinadas populações à invisibilidade ou à morte social e física.

Embora a escrevivência não seja um conceito central nesta pesquisa, seu papel na obra de Evaristo foi destacado em discussões do clube de leitura. O termo, criado pela autora, nomeia uma escrita que nasce da experiência de vida das mulheres negras, transformando memórias e vivências em narrativa. No contexto do clube de leitura, a escrevivência foi levantada como uma chave interpretativa importante, permitindo que as trajetórias das personagens dialogassem diretamente com as experiências dos leitores.

Esses referenciais teóricos são fundamentais para analisar tanto as obras de Evaristo quanto a dinâmica das discussões no *Escrevivências Ciberfeministas*, consolidando o clube como um espaço de resistência intelectual e afirmação identitária.

Conceição Evaristo, Olhos D'água e Escrevivência

Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946, em uma favela de Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de uma lavadeira e de um operário, cresceu em meio à pobreza e à discriminação racial. Desde cedo, aprendeu a trabalhar e cuidar dos outros, e, ao invés de receber dinheiro, priorizou o aprendizado, buscando aulas particulares e livros. Em 2014, com a coletânea de contos *Olhos D'água* (2014), Evaristo ganhou reconhecimento nacional e internacional. O livro, que venceu o prêmio Jabuti, conta histórias de homens e mulheres negras enfrentando racismo, violência e marginalização, mas também encontrando resistência e beleza

em suas lutas cotidianas. Dos 15 contos, nove são narrados por mulheres, destacando personagens frequentemente invisíveis na sociedade.

Uma figura presente nos contos é a tragédia, com alguns finais brutais e violentos que despertam repúdio e dor, a diferença é que estamos habituados a ver essas histórias sob uma perspectiva onde o preto é o vilão e aqui esse povo ganha voz.

Mas além disso, há esperança dentro dos contos, como em "Ayoluwa, a alegria de nosso povo", onde vemos o resgate de raízes ancestrais como arma para o fortalecimento de um povo que já se encontrava com suas esperanças escassas. A autora sabe chocar, mas ela também mostra que nada está perdido, que é possível buscar força e resistência naqueles que vieram antes e já lutaram por nós.

A noção de escrevivência é crucial para entender a dimensão sócio-histórica dos trabalhos de Conceição Evaristo. Criado pela autora, o termo foi bastante apontado nas discussões do clube de leitura, como forma de entender o seu processo de escrita. Ele faz junção das palavras "escrever" e "vivência" e representa a prática de escrever a partir da experiência vivida, especialmente a experiencia vivida por negros e negras no Brasil. Trata-se de uma forma de expressão literária que emerge das vivências, dos corpos marcados pela história de opressão e resistência, e que busca narrar as experiências cotidianas, memórias e lutas do povo negro. A escrevivência, portanto, está intimamente ligada à ideia de trazer à tona a voz dos que estão silenciados, de resgatar histórias e experiências que foram marginalizadas pela narrativa dominante. É uma forma de empoderamento, de afirmar a existência e a humanidade das pessoas negras, de recontar a história a partir de perspectivas até então negligenciadas. Em entrevista à TV UNIVESP, Conceição define o termo da seguinte maneira:

> Quando eu usei o termo é... escrevivência [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017).

No âmbito literário, a escrevivência se expressa por meio de textos que exploram a oralidade, a ancestralidade, as tradições culturais e as experiências cotidianas de negros e negras. Trata-se de uma abordagem que desafia o cânone literário, ampliando as representações

na literatura e tornando-a mais inclusiva e plural. Ao introduzir o conceito de escrevivência, Conceição Evaristo fez uma contribuição crucial para o debate sobre representatividade e diversidade na literatura brasileira, criando um espaço para novas vozes e formas de narrar a experiência negra no país.

O termo está profundamente enraizado na vivência do povo negro brasileiro, que a autora reverbera de maneira muito única através de sua escrita. É através de experiências cotidianas, sendo próprias ou de terceiros, que Evaristo usa *Olhos D'água* como um mergulho na ancestralidade e nas lutas de resistência da população afrodescendente. Essa é uma ferramenta que a autora usa para tecer narrativas que desafiam as normas estabelecidas pela sociedade e que traz à tona a voz dos que estão marginalizados. Vale destacar que o termo não se refere a uma escrita de si no sentido de contemplação da própria face, mas sim de um resgate de suas raízes para contar a história em comum do coletivo de um mesmo povo.

Olhos D'água é um exemplo vívido da escrevivência sendo utilizada na prática. Os contos, onde todos são contados e vividos por pessoas pretas, em situações de marginalização ou que enfrentam algum tipo de violência da sociedade opressora, exploram as profundezas da condição humana na qual a pessoa preta no Brasil é colocada, revelando interseções de gênero, classe e raça na sociedade brasileira. Nas páginas do livro, a autora faz o retrato de personagens que habitam as margens da sociedade, personagens tão reais que podem ser comparados ao porteiro de um prédio, a empregada doméstica, o motorista do ônibus, ou até mesmo ao dono dos dedos que tecem este trabalho, cujas vidas são marcadas pela violência, opressão e invisibilidade social.

A escrita de Evaristo está além da mera representação literária, ela pode ser colocada como um ato de resistência e reivindicação de espaço, trazendo força e vitalidade à cultura afro-brasileira. É através da escrevivência que ela faz o resgate de narrativas silenciadas, reconta histórias que muitas vezes são ignoradas e até mesmo apagadas e faz a celebração da identidade, dignidade e humanidade do povo negro. As palavras de Evaristo possuem um poder muito grande de ecoar vozes ancestrais, que abrem o espaço para dar vida a experiências que moldaram a população negra. Por meio da escrevivência, Conceição Evaristo desafia os estereótipos e as narrativas dominantes, construindo um novo imaginário coletivo onde os negros e negras são protagonistas de suas próprias histórias.

Clube de leitura Escrevivências Ciberfeministas

A relevância dos espaços de discussão e análise crítica na construção de significado e compreensão literária é inegável. Nesse contexto, foram aplicados os aprendizados adquiridos no clube de leitura online *Escrevivências Ciberfeministas*[2], foi uma iniciativa semanal cujo objetivo era promover uma reflexão sobre literatura e temas sociais, políticos e culturais.

Ler é por muitas das vezes uma tarefa individual, mas não necessariamente solitária. Um mesmo livro pode ser lido infinitas vezes por uma mesma pessoa, que pode ter as mais variadas compreensões que podem mudar ou se complementar a cada nova leitura. Além da experiência individual da leitura, a literatura também tem um aspecto coletivo e social. Grupos de leitura, clubes literários e discussões em torno de livros permitem que os leitores compartilhem suas interpretações, questionamentos e percepções. Nessas conversas, as nuances e camadas de significado de um texto podem ser exploradas de forma mais profunda, enriquecendo a compreensão coletiva da obra. À medida que diferentes pontos de vista são apresentados e debatidos, os leitores podem ganhar novas perspectivas sobre o livro e sobre si mesmos, ampliando ainda mais o seu entendimento e apreciação da literatura. Assim, a leitura transcende sua natureza solitária e se torna uma experiência colaborativa que fortalece os laços entre os leitores e enriquece sua relação com os livros.

Em *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2006), Rildo Cosson fala sobre a importância da interatividade na leitura:

> De novo, estamos diante do equívoco de tratar a leitura literária como uma atividade tão individual que não poderia ser compartilhada, mas já sabemos que é justamente o contrário. O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ela nos permite manter com o mundo e com os outros. (COSSON, 2006, p. 28).

A visão de Rildo Cosson sobre a leitura literária ressalta a importância do diálogo e da interação social como elementos essenciais para uma compreensão mais profunda e enriquecedora da obra. Ao considerar a leitura como uma atividade que vai além do indivíduo e se estende ao contexto social e cultural, Cosson destaca que a verdadeira essência da literatura reside na capacidade de promover conexões humanas e reflexões sobre o mundo ao nosso redor. Nesse sentido, a interatividade na leitura não apenas enriquece a experiência individual do

[2] O Clube de Leitura Escrevivências Ciberfeministas foi realizado em 2023 como uma ação de extensão junto à UFRRJ.
Para mais informações: https://institucional.ufrrj.br/eext/clube-de-leitura-escrevivencias-ciberfeministas/

leitor, mas também cria espaços para a troca de ideias, percepções e emoções, tornando a leitura literária uma atividade coletiva e colaborativa.

O clube de leitura *Escrevivências Ciberfeministas* se destaca como um dispositivo formador em rede, que se aprimora e funciona através das conversas e disparadores ocasionados através da leitura dos praticantes, mas também pelas ferramentas digitais que ajudam a compor e enriquecer o estudo da obra e a interação social entre os participantes, como a ferramenta *Padlet* e a Plataforma *Moodle*. A escolha de *Olhos D'água* como leitura para o clube se permeia na intenção de engajar uma literatura que despertasse nos participantes a compreensão das exclusões e interdições às quais a população negra tem sido exposta em nossa sociedade.

Com o intuito de formar pensadores críticos através da discussão de uma obra que abordasse temas relevantes e de alto impacto, o clube de leitura *Escrevivências Ciberfeministas* nasce a partir das indagações de pesquisa da professora Raquel Barros dentro do GPDOC, que frequentemente desenvolve ações coletivas materializadas em diferentes dispositivos de pesquisa e formação a partir do estudo de fenômenos que emergem da cibercultura.

Para entender o conceito de "cibercultura", é necessário primeiro abordar o termo "ciberespaço", que foi inicialmente criado por William Gibson em seu livro *Neuromancer* (1984) e que ganhou destaque nos estudos sobre a web. Pierre Lévy, em *Cibercultura* (1999), define-o como "um novo meio de comunicação que surge através da interconexão mundial de computadores [...] um universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo" (LÉVY, 1999, p. 17). Esse conceito também é reforçado por Edméa Santos em *Pesquisa-formação na Cibercultura* (2019), que descreve a cibercultura como "um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua história. Além disso, e sobretudo, instituiu e vem instituindo contextos e práticas originais e inovadoras" (SANTOS, 2019, p. 31). Conforme argumentado por Santos, a cibercultura no ciberespaço "é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais" (SANTOS, 2019, p. 62), permitindo que praticantes culturais de diversos gêneros textuais criem conteúdos nas plataformas digitais. Além disso, "pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural produzindo dados em rede. Os sujeitos não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa" (SANTOS, 2019, p. 21).

Destinado a docentes da rede pública de ensino e discentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o clube de leitura não recebeu financiamento de nenhum instituto de

pesquisa ou educação, mas foi cadastrado pela universidade, como curso de extensão, que permitia a emissão de certificado após a conclusão.

A metodologia escolhida para o estudo de caso do livro *Olhos D'água,* dentro do clube de leitura *Escrevivências Ciberfeministas,* foi baseada em uma abordagem qualitativa, centrada na análise das interações, discussões e interpretações dos participantes durante os encontros virtuais.

Cada encontro semanal seguiu uma estrutura de apresentação e análise dos contos escolhidos para cada tema, seguido de discussões mediadas pelas coordenadoras (as professoras Raquel Barros e Edméa Santosresponsáveis pelo desenho didático do clube, e do bolsista de iniciação científica, Marcos Vinícius Dias de Menezes, responsável por gerenciar as plataformas utilizadas) e com a participação de convidados. O cronograma abordou temas como a vulnerabilidade das crianças, a situação da mulher negra na sociedade, o assassinato da juventude negra, a sexualidade, e a ancestralidade, com ênfase na construção de saberes a partir das experiências pessoais dos participantes. Esses relatos foram considerados fundamentais para enriquecer as interpretações literárias e criar um espaço de troca de vivências.

As discussões e debates não se limitaram ao encontro virtual semanal síncrono, mas ocorreram de forma dinâmica ao longo da semana, por meio de diversas plataformas digitais, como RNP, *Moodle*, *Padlet*, *Instagram* e *WhatsApp*. Essas interfaces digitais facilitaram a comunicação e a interação entre os participantes, criando um ambiente colaborativo de aprendizado e reflexão. Além disso, o uso dessas plataformas permitiu que as discussões fossem enriquecidas com links, textos, vídeos e outros materiais multimodais, ampliando o escopo de interpretação da obra. As trocas de ideias foram ainda mais fortalecidas com o auxílio de materiais teóricos enriquecidos com hipertextos, como destaca Pierre Lévy: “(se) tomarmos a palavra ‘texto’ em seu sentido mais amplo (que não exclui nem som nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos” (LÉVY, 1999, p.55). Dessa forma, as reflexões tornaram-se mais interativas, acessíveis e completas, proporcionando um aprendizado enriquecedor para todos os envolvidos.

O clube de leitura *Escrevivências Ciberfeministas* adotou diversas plataformas digitais para promover a interação entre os participantes e ampliar as possibilidades de discussão das obras literárias. O uso dessas ferramentas permitiu a dinamização dos encontros e o aprofundamento das análises, criando um espaço coletivo de construção do conhecimento. A seguir, são apresentadas as principais plataformas utilizadas ao longo do projeto.

RNP

A *RNP* Conferência *Web*, plataforma da Rede Nacional de Pesquisa, foi utilizada para os encontros semanais síncronos, onde os participantes discutiam as leituras da semana. As reuniões eram gravadas, com a autorização dos participantes, que assinaram digitalmente, através de formulário online, um termo de consentimento de imagem e voz no primeiro encontro.

Moodle

O clube de leitura foi cadastrado como um curso de extensão da UFRRJ, o que permitiu a emissão de certificados e viabilizou o uso da plataforma Moodle para a execução das atividades A plataforma *Moodle* ofereceu um Ambiente Virtual de Aprendizagem, com conteúdo sobre a autora Conceição Evaristo e o livro *Olhos D'água*, além de materiais complementares e cronograma. Apesar de dificuldades no cadastro e uso, alguns participantes contribuíram ativamente, inserindo conteúdo.

Instagram e whatsapp

Foi criado um perfil no *instagram* (@escrevivencias.ciberfeministas) para divulgar o clube, com textos, reels e imagens das reuniões. O grupo de *whatsapp* foi utilizado para facilitar a comunicação entre os participantes, compartilhando links das reuniões e informações complementares do *Moodle*.

Padlet

O *padlet* é uma interface de comunicação assíncrona que permite criar quadros virtuais para organizar algum projeto pessoal, de estudo ou até mesmo de trabalho. Nele podem ser feitos quadros interativos que são organizados em forma de mural, onde alunos e docentes podem trocar informações, arquivos, realizar atividades e acompanhar o processo de ensino-aprendizagem de forma mais dinâmica e interativa.

Para o clube de leitura, o *Padlet* foi organizado nas seguintes configurações:

- Mural da Aurora Conceição Evaristo - Biografia, prêmios, livros publicados, entrevistas (texto, vídeo e áudio), teses e dissertações, entre outros;
- Sugestões - Espaço para que os praticantes do clube pudessem preencher com indicações de livros, filmes, podcasts, artigos e notícias referentes a Conceição, ao livro ou algo relacionado ao tema das discussões;
- Frases e trechos marcantes - Espaço organizado e separado por contos, onde a cada semana, após a leitura, os participantes deveriam colocar uma frase de maior impacto e um comentário sobre ela, onde outros poderiam complementar e acrescentar outras informações.

É justamente dessa plataforma que foram retiradas as narrativas e rastros deixados pelos participantes do clube referentes ao conto analisado nesta pesquisa. Entre todas as plataformas utilizadas, é a que se destaca pela participação e interatividade dos praticantes, que ocorreu de forma assíncrona. Além dos comentários, que podiam ser publicados com identificação dos participantes ou de forma anônima, foram inseridos links de notícias relacionadas aos temas discutidos em cada conto. Os participantes trocaram informações entre si e complementam as interpretações uns dos outros durante as reuniões do clube, o que tornou essa interação ainda mais significativa.

O formato de *ciberfeminismo* foi incorporado ao clube, entendendo a internet como um espaço para promover debates críticos e coletivos sobre questões sociais, através da literatura, e foi apoiado pela inclusão de convidados especializados, que contribuíram com a discussão de temas interseccionais que perpassam a obra de Conceição Evaristo.

Além disso, ao longo do processo, tivemos um encontro presencial, onde os participantes foram convidados a criar seus próprios espelhos individuais utilizando materiais naturais, como madeira, pedras e outros elementos do meio ambiente. Essa atividade foi mediada pela professora arte-educadora, Lud Duarte (*@ludd_arte*) e teve como objetivo promover a autorreflexão e a conexão pessoal com as questões levantadas pela obra de Conceição Evaristo. Ao criar seus espelhos, cada participante foi incentivado a refletir sobre sua própria identidade, ancestralidade e as temáticas sociais abordadas nos contos, proporcionando uma experiência eco formativa única e criativa.

Dessa forma, o *Clube de Leitura Escrevivências Ciberfeministas* se consolidou como um dispositivo de formação crítica e criativa, promovendo uma experiência de aprendizado significativo e coletivo que articula teoria, prática e vivência de forma integrada, sempre com

o suporte e a colaboração das plataformas digitais que potencializaram o engajamento e a troca de saberes.

Interseccionalidade e necropolítica em Olhos D'água: Reflexões e Análises

Historicamente, pessoas negras são marginalizadas e silenciadas pela sociedade, com suas existências frequentemente negadas. Essa opressão é ainda mais intensa para as mulheres negras, que são vistas como "não sujeitos". Seus corpos, desejos e histórias são apropriados, enquanto suas vozes são silenciadas. Djamila Ribeiro, em *Quem tem medo do feminismo negro?* [3]analisa esse silenciamento violento, destacando a invisibilidade das mulheres negras nas discussões políticas e sociais. Ribeiro revela, por exemplo, que o número de assassinatos de mulheres negras aumentou 55% nos últimos dez anos, enquanto o de mulheres brancas diminuiu em 10% (RIBEIRO, 2018, p. 125).

A marginalização da mulher negra está fortemente ligada à sua exposição à violência. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), as mulheres negras, especialmente as de baixa escolaridade e em idade reprodutiva, são as mais afetadas pela violência no Brasil. Cerca de 45% delas já relataram ter sido vítimas de violência física, número bem superior ao das mulheres brancas (36,9%). Esse cenário é agravado pela invisibilidade dessas mulheres, que frequentemente são desconsideradas pelos órgãos de proteção e associadas ao tráfico ou a comunidades marginalizadas, tornando suas dores ainda mais silenciadas. Como observa Ribeiro, essas mulheres não são reconhecidas como sujeitos.

A interseccionalidade é um conceito introduzido por Kimberlé Crenshaw, em 1989, com o artigo "*Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politcs*". Crenshaw defende a ideia de que questões de gênero, classe social e raça não podem ser tratados de forma isolada, que eles conversam entre si e se agrupam nas diferentes formas de opressão impostas pela sociedade. Seu estudo fala especificamente sobre as mulheres negras, visto que elas se encontram no círculo atingido por dois conjuntos opressores: racismo e sexismo.

A autora reforça seu discurso através de casos judiciais onde mulheres pretas não foram abraçadas pelas questões interseccionais. Ela traz como exemplo um processo judicial movido por mulheres pretas contra a empresa General Motors, onde as mulheres brancas trabalhavam

[3] *Quem tem medo do feminismo negro?* é um livro de Djamila Ribeiro, publicado em 2018, que discute o apagamento das mulheres negras na sociedade e os desafios do feminismo interseccional.

nas partes administrativas, o que não cabia às mulheres pretas, e os homens eram encarregados do serviço braçal. Devido ao não conhecimento dos aspectos interseccionais por parte da corte, todo o processo precisou ser revisto, já que não sabiam se a questão era a discriminação racial ou sexual e não foi levado em consideração que as duas eram questões convergentes. Um outro exemplo de Crenshaw aborda a marginalização das mulheres negras e como elas são colocadas em um patamar não identificado. Elas não podem recorrer a manifestações que envolvam todas as mulheres, já que não são representadas por completo nesses espaços. Crenshaw destaca como essa falta de representação ampla afeta diretamente as experiências e lutas das mulheres negras, sublinhando a necessidade de reconhecer e enfrentar as interseccionalidades de raça e gênero.

No cenário brasileiro, é Carla Akotirene, com o livro *Interseccionalidade: Feminismos Plurais* (2019) que traz essa discussão para a realidade da mulher preta no Brasil. Especificamente no segundo capítulo do livro, intitulado "Vamos pensar direito: Interseccionalidade e mulheres negras", que ela faz um apanhado do termo cunhado por Crenshaw:

> Desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. Conforme dissemos, é o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação. (AKOTIRENE, 2019, p. 35).

Ao tratar do termo "encargo singular", Akotirene faz referência à posição que a mulher preta é colocada, como se ela estivesse em um espectro, já que por ser mulher, ela não pode ser colocada em um patamar igualitário ao homem, mas por ser negra, ela também é excluída da igualdade por parte das mulheres brancas.

Quando os aspectos interseccionais são deixados de lado, as mulheres pretas são colocadas em uma posição de subalternidade, onde seu corpo, suas vontades e até mesmo o seu prazer são pertencentes ao outro, como defendido por Akotirene:

> A recusa da interseccionalidade, acredito eu, não descredencia a premissa do termo existente há quase trinta anos, aliás, faz coro à proposta da pensadora de enegrecer o feminismo, considerando o empenho acadêmico e de articulação ativista das mulheres negras não-acadêmicas, anterior à sistematização do conceito. Segundo levantamento bibliográfico de seus escritos, as mulheres negras foram as que mais lutaram para redemocratizar o país e se levantaram contra a hegemonia pensada na sociedade civil, e na academia dedicaram a vida ao combate dos estereótipos nacionais, racializados, reduzidos à mulher mulata, empregada doméstica, atleta sexual. (AKOTIRENE, 2019, p. 56).

Um dos pontos fundamentais no estudo do conceito de interseccionalidade foi entender que as personagens estão em papéis que foram previamente definidos quando elas nasceram com a pele negra, principalmente as mulheres que estão como objeto de estudo desta pesquisa. No livro, Maria é uma mulher que está às margens da sociedade, e passa por situações que improvavelmente aconteceriam se elas estivessem no lugar de uma mulher branca, de uma mulher que é humanizada e acolhida pela sociedade. Esses pontos serão explicados nas análises do conto. É importante ressaltar que a interseccionalidade não tem a intenção de colocar a mulher negra em competição com uma mulher branca no quesito de opressão. Mas o termo auxilia no sentido de mobilizar e chamar a atenção para o apagamento de um grupo que é constantemente colocado em uma posição que não é sequer definida e está à mercê das inúmeras formas de violência que podem ser cometidas.

Além da impossibilidade de ler os contos sem ter o olhar interseccional para as personagens, é necessário levar em consideração toda a sociedade e o sistema que as rodeia. A personagem Maria vive em uma realidade onde ela está sujeita a entidades e organizações que são classificadas como soberanas, que acreditam exercer um poder supremo no qual se decide quem vive e quem morre.

> [...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2018, p. 7).

Esse conceito é nomeado como necropolítica, que vem da junção das palavras “necro” que está diretamente relacionada à morte, e “política” , o que sugere uma política de morte ou destruição. Achille Mbembe, em seu livro *Necropolítica* (2018), cunha este termo, que faz a descrição de uma forma de governo em que um ser, espécie ou órgão que se julgue soberano acredita poder controlar a vida dos cidadãos, a ponto de determinar quem deve viver, quem deve morrer e quem deve matar.

Enquanto Michel Foucault defende a ideia de biopolítica[4] e biopoder[5], Mbembe (2018) vai além, focando no controle da morte e em como certas vidas são marcadas para morrer e

[4] A biopolítica é um conceito desenvolvido por Michel Foucault no primeiro volume de *História da Sexualidade* (1977). Ele o emprega para descrever o momento histórico a partir do qual as instituições políticas e econômicas capitalistas começam a desenvolver tecnologias materiais e discursivas sofisticadas para controlar, descrever e catalogar a vida humana.

[5] Especificamente nas palavras de Achille Mbembe, “o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer”, que se refere ao poder exercido sobre os corpos e vidas dos indivíduos.

como o Estado exerce seu poder de decidir quem vive e quem morre. A necropolítica implica não apenas em decidir quem vive e quem morre, mas também em determinar como as pessoas morrem e sob quais condições.

A concepção de biopoder de Michel Foucault é atualizada por Sueli Carneiro, em sua tese de doutorado *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*[6], defendida em 2005, evidenciando como o Estado brasileiro instrumentaliza políticas de controle populacional para perpetuar a violência racial e de classe. Enquanto Foucault discute o biopoder como a capacidade estatal de "fazer viver e deixar morrer", Carneiro expõe como essa lógica se desdobra no Brasil através de práticas eugenistas que visam a contenção da população negra e periférica, seja pela esterilização forçada ou pela indução ao aborto como ferramenta de controle social. A perversão da luta feminista pela descriminalização do aborto em um projeto de extermínio revela como o biopoder se articula ao racismo estrutural para definir quais vidas são dignas de serem vividas e quais são descartáveis. Nesse sentido, Carneiro escancara o caráter necropolítico da gestão da vida e da morte no Brasil, evidenciando que o biopoder aqui não se limita a regular corpos, mas também a determinar sua eliminação.

O negro, que é visto como o "outro", acaba se tornando um perigo para raças, que devido a construção social, é vista como soberana, e esse perigo pode ser ocasionado apenas pelo ato de existir, como dito por Mbembe:

> A percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade. (MBEMBE. 2018, p. 18).

Dentro do conceito de necropolítica é levantada a conclusão de que o estado que é colocado como soberano tem as características de um estado racista, assassino e suicidário. No contexto brasileiro, a necropolítica se manifesta de maneira especialmente brutal nas comunidades negras, onde a violência policial, a falta de acesso a serviços básicos e a discriminação sistemática resultam em altas taxas de homicídios, suicídios, encarceramento em massa e violações de direitos humanos. E é justamente a necropolítica que opera em conjunto com estruturas de poder que perpetuam a desigualdade racial, como o racismo

[6] Além disso, em 30 de outubro de 2007, publicou o artigo "Biopoder" no portal Geledés, onde discute a instrumentalização de políticas públicas de controle populacional que afetam principalmente a população negra e periférica.

institucionalizado, o que torna os negros, principalmente as mulheres, especialmente vulneráveis às suas manifestações mais cruéis.

Se a necropolítica, como define Mbembe (2018), estrutura mecanismos de exclusão e aniquilação de certos grupos sociais, a escrevivência opera na contramão desse apagamento. Enquanto o Estado e a sociedade delimitam quem pode viver e quem deve morrer, a literatura de mulheres negras resgata narrativas que seriam silenciadas, dando voz às experiências de marginalização e resistência. A escrevivência não apenas denuncia a necropolítica, mas também propõe um ato de insurgência contra ela, ao registrar e humanizar histórias de mulheres negras que, de outra forma, seriam esquecidas.

Em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo oferece uma representação vívida da experiência da mulher preta no Brasil, explorando como elas enfrentam o racismo, a marginalização e a violência. No entanto, por meio do contato com suas raízes e da valorização de sua história, essas mulheres encontram forças, resistência e pertencimento, resistindo à opressão cotidiana. A abordagem de Evaristo reflete muito de sua própria vivência, o que a leva a criar personagens intensamente humanas e complexas.

Nos contos, somos confrontados com a dureza do racismo, a violência da exclusão social e as complexas dinâmicas familiares, mas também encontramos resistência, solidariedade e esperança. A beleza dessas narrativas está no resgate das vozes ancestrais e na escrita daquilo que foi vivido, permitindo que a dor e a beleza da existência negra sejam expostas de maneira profunda.

Embora cada conto de Evaristo tenha um grande potencial para pesquisa, este estudo destaca "Maria", que explora de maneira interseccional as questões de gênero e raça. Nele, é possível perceber que as mulheres negras são submetidas a uma sociedade racista, enfrentando dominação, soberania e violência. Através dos marcadores interseccionais e necropolíticos, evidencia-se a brutalidade do machismo e do racismo que moldam suas vidas.

A análise de Olhos D'água, sob a ótica da interseccionalidade e do poder de morte, expõe como essas estruturas afetam a personagem. Maria evidencia como o sistema ao qual foi submetida desde o nascimento busca silenciar sua identidade e humanidade. A investigação será aprofundada com base nos fundamentos teóricos e nos comentários do clube de leitura, que oferecem uma perspectiva crítica sobre essas questões.

Maria

Maria foi, sem dúvida, o conto mais sensível de ser lido. Tanto para os participantes do clube de leitura quanto para os autores deste trabalho, houve uma grande dificuldade em conter as lágrimas durante as trocas de experiências geradas pela leitura. A história de Maria evoca uma forte identificação, sendo difícil não associá-la a uma mãe, tia, avó ou outra figura próxima. Além disso, desperta uma inquietação em relação à violência cometida, gerando uma sensação de angústia e repúdio.

A história trágica gira em torno de uma empregada doméstica, que leva o mesmo nome do conto, Maria, ela está retornando do trabalho, após um expediente exaustivo em pleno fim de semana, levando para casa apenas uma gorjeta, um osso de pernil que sua patroa iria jogar fora e algumas frutas, que ela tinha esperança de dar aos filhos, principalmente o melão, que eles nunca haviam provado. Maria é uma personagem que caminha por diversas tragédias. A primeira delas é sua jornada de trabalho e lugar na sociedade. É desconcertante pensar que, mesmo trabalhando incansavelmente em um domingo para atender às necessidades de seus empregadores, tudo o que ela recebe são algumas moedas, um osso e frutas destinadas a apodrecer. Djamila Ribeiro aponta com acuidade a desigualdade que as mulheres negras enfrentam, mesmo quando inseridas em instituições, como no caso das empregadas domésticas. Ela destaca como essas mulheres são muitas vezes tratadas com uma falsa proximidade, sendo consideradas "quase parte da família", enquanto continuam a ocupar uma posição marginalizada. (RIBEIRO, 2017, p. 27). Visto isso, é importante pensar que Maria já estava sendo desumanizada por seus patrões e não possuía voz ou direito de se expressar, o que para ela talvez passasse de forma despercebida, já que ela precisava carregar o fardo de ser mãe solo e alimentar as crianças que ainda estavam doentes.

Antes de entrar no coletivo e retornar ao seu lar, Maria também reclama de um corte na mão, feito por uma faca a laser, enquanto cortava o pernil de sua patroa e, de acordo com Maria, “Faca a laser corta até a vida.” (EVARISTO, 2014, p. 24). Essa fala me desperta o pensamento da violência que é se sacrificar por um emprego, principalmente para pessoas que estão em papéis de servidão. Em momento algum houve uma assistência de sua patroa em relação ao corte, algum tipo de cuidado ou preocupação, reforçando novamente a imagem de que enquanto Maria estivesse nesse local, onde sua função era servir atrelado ao seu status de mulher preta, ela deveria aguentar o que fosse preciso para ter um pagamento no fim do mês.

Destaca-se o seguinte comentário de um participante do clube de leitura, que sintetiza as reflexões sobre a situação de Maria:

> Além do osso e das frutas em bom estado, Maria também recebeu uma gorjeta. A julgar pelo corte em sua mão ocasionado ao fatiar o pernil, ela trabalhou no fim de semana. E nós sabemos que a herança cultural deixada por tantos séculos de escravização e o mito da democracia racial praticamente autorgam que algumas pessoas se achem no direito de explorar seus empregados domésticos com a perversa justificativa de 'que são praticamente da família'. Duvido que Maria tenha sido convidada a sentar-se à mesa 'com sua família' ou mesmo que tenha provado o pernil que fatiou. Mas acredito que se Maria tivesse cobrado uma diária ou as horas-extras que lhe eram devidas, ela seria tachada de raivosa e ingrata. (PADLET, 2023).

Esse comentário revela como a exploração de trabalhadores domésticos continua a ser uma realidade persistente, enraizada na herança histórica da escravização e no mito da democracia racial. Maria, além de receber apenas as sobras e uma gorjeta, aparentemente teve que trabalhar no fim de semana, e o corte em sua mão, causado ao fatiar o pernil, é um claro indicativo do esforço físico que dedicou ao serviço. A ideia de que alguns se sentem no direito de explorar seus empregados, justificando isso com a falácia de que "são quase da família", reflete uma dinâmica de poder desigual. É possível questionar se Maria, de fato, foi convidada a sentar-se à mesa "com a família" ou se teve a oportunidade de provar o pernil que preparou. Caso tivesse exigido o pagamento adequado por seu trabalho, provavelmente seria rotulada de "raivosa" ou "ingrata". Esse cenário revela como as relações de poder e a invisibilidade de certos grupos, como as mulheres negras e os empregados domésticos, perpetuam uma dinâmica de exploração, muitas vezes ignorada ou até romantizada por aqueles em posições privilegiadas.

Em *Pode o subalterno falar?* [7]de Gayatri Spivak, a autora diz que “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher-negra, pobre’ como um item respeitoso na lista de prioridades globais.” (SPIVAK, 2010, p. 126.), o que é complementado por Djamila Ribeiro com a seguinte interpretação:

> Essa citação de Spivak nos ensina sobre como grupos subalternos não têm direito a voz, por estarem num lugar no qual suas humanidades não foram reconhecidas. Por pertencerem à categoria “daqueles que não importam”, para usar uma expressão da filósofa estadunidense Judith Butler. Mas, ao mesmo tempo, Spivak enxerga a necessidade da tarefa intelectual e política para a mulher. Para a autora, o postulado subalterno evidencia um lugar silenciado. (RIBEIRO, 2017, p. 42).

Maria é a personagem que melhor se encaixa no papel de subalterno, que para Spivak, é aquele ser pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 13-14). Assim sendo, a personagem que está em um emprego que comumente é destinado apenas a servir o

[7] *Pode o subalterno falar?* é um artigo seminal de 1988 escrito por Gayatri Spivak, que discute o silenciamento de grupos marginalizados dentro das estruturas de poder colonialistas.

interesse e as vontades de outra pessoa, onde não há valorização do trabalho e em grande maioria dos casos, não há o respeito por essas pessoas enquanto seres humanos. A história segue e ela entra no coletivo. Apesar das dores e do desrespeito, precisa chegar em casa e sustentar as crianças que dependem dela. Ela só não sabia o que a esperava naquela viagem, nem que a violência silenciosa que ela sofria dentro do trabalho era só a superfície das outras das quais ela iria enfrentar:

> Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se ao seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. (EVARISTO, 2014, p. 24).

O encontro de Maria com seu "ex-homem" é breve, mas significativo e responsável por selar o destino dela. Maria não deixa de notar o quanto o homem permanece bonito, mas não deixa de se questionar "Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes?" (EVARISTO, 2014, p. 24). Somente a ela coube a responsabilidade de cuidar das crianças, enquanto o homem havia ido embora, fazer sabe-se lá o quê. A mulher geralmente esteve responsável pelo trabalho de cuidado, pois além de trabalhar em casa de família, ela precisa ser capaz de dar conta dos afazeres de seu próprio lar, cuidar do marido, das crianças, enquanto o homem está ocioso ou ausente de seu lar, como defende Akotirene:

> As mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das "mulheres brancas instruídas," chegavam em casa e tinham o dinheiro tomado por "maridos ociosos", bastante ofendidos porque não havia "comida pronta dentro de casa". Então, a pensadora (Sojourner Truth) denuncia a infantilização da mulher negra: "Eu quero que você considere que sou uma criança de alguém e, eu tenho idade suficiente para ser mãe de todo mundo aqui". (AKOTIRENE, 2019, p. 18).

O homem chega a perguntar pelo filho, ele é pai apenas do primeiro de Maria, mas não foi o único a não ficar do lado dela. "E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho!" (EVARISTO, 2014, p. 24). Mesmo demonstrando saudade, que pode ser influenciada por sua solidão, em nenhum momento ele se disponibiliza a ter responsabilidade por essa criança. Ele a questiona sobre outros filhos e Maria chega a se sentir culpada por ter tido mais dois, com homens diferentes "Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente." (EVARISTO, 2014, p. 24-

25). Apesar de tudo, Maria ansiava por um futuro melhor aos seus filhos e que eles fossem homens decentes. O homem parecia sentir falta de uma vida mais calma, com Maria e com seu filho, mas a vida que ele levava era outra, e ele apenas deixou uma mensagem para Maria: "Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho" (EVARISTO, 2014, p. 25), e prontamente anunciou o que estava para fazer naquele coletivo.

> Levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? (EVARISTO, 2014, p. 25).

A última frase do trecho acima, que eu complemento com este comentário do clube de leitura: "Essa parte em específico do conto é fenomenal em pontuar o lugar da mãe na sociedade. Uma mulher, que diante da morte, não teme o seu fim, mas o início da vida dos filhos sem ela" (PARTICIPANTE DO CLUBE DE LEITURA, 2023), isso mostra a tamanho preocupação de Maria, que já não era apenas por sua vida, mas também de seus filhos, que necessitavam dela, pois tinham fome e estavam doentes.

Dentro das discussões do clube de leitura, foi levantado o termo "dororidade", que a participante do clube caracterizou como:

> **Dororidade** | Mulheres negras temem pela violência contra seus filhos e companheiros. Quando a dor une as mulheres diante de uma sociedade que as violenta de todas as formas: racismo, sexismo, pobreza, violência de gênero, e a angústia de sentir na pele a incerteza da existência dos seus companheiros, irmãos e filhos, e da própria sobrevivência. (PADLET, 2023).

Criado como uma extensão do conceito de "sororidade[8]", a "dororidade" reconhece as dores únicas enfrentadas pelas mulheres negras e a necessidade de união e apoio mútuo diante desses desafios. É um chamado à empatia e à compreensão das experiências específicas das

[8] Sororidade é a prática de solidariedade e apoio mútuo entre mulheres, baseada no reconhecimento das lutas e experiências compartilhadas, visando a construção de um ambiente mais igualitário e livre de discriminação. Esse conceito envolve ações que promovem a empatia, o respeito e o fortalecimento das relações entre as mulheres, para que possam superar juntas as adversidades e desafios impostos pela sociedade patriarcal.

mulheres negras, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar suas vozes dentro do movimento feminista.

Maria transmite a imagem de uma mulher que já esqueceu de si mesma, vivendo exclusivamente para os outros, especialmente para sua família. Ela se submete a condições de trabalho análogas à escravidão, enfrentando transportes lotados e duras jornadas para cuidar de seus filhos, que mais necessitavam dela. A presença do homem e seu comparsa, que estavam ali para assaltar o ônibus, foi uma mera coincidência, e foi também por acaso que Maria foi reconhecida por ele. Em nenhum momento o homem teve a intenção de ferir Maria ou de roubar algo dela, algo que causou incredulidade e ódio a outros passageiros.

> Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. (EVARISTO, 2014, p. 25).

O que Maria enfrenta a partir de então, ultrapassa todos os limites de violência a qual ela já era exposta constantemente apenas por ser mulher, negra e pobre. Primeiro acontece a violência verbal, nesse caso especificamente, o racismo, as palavras dirigidas a Maria dilaceram a alma, de forma mais profunda e cruel que uma faca a laser. Que se trata justamente da redução do indivíduo, nas palavras de Achille Mbembe, “embora destrua o que era para ser, apague o que supostamente continuaria a ser e reduza a nada o indivíduo, a morte não se limita ao puro aniquilamento do ser” (MBEMBE, 2018, p. 13), mas também o apagamento e a redução dele como ser humano, o que pode ser associado à humilhação, a violência verbal, ao assassinato da identidade do ser humano.

> Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. (EVARISTO, 2014, p. 25).

Além da violência verbal, a violência física logo tomou lugar dentro daquele coletivo. Mas por que Maria, que não estava mais envolvida com aquele homem, estava sofrendo as consequências dos atos dele? Frantz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas (2008)*, discute como a construção do imaginário europeu associa o Mal ao negro: "Na Europa, o Mal é representado pelo negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral." (FANON, 2008, p. 160). Maria era o bode expiatório perfeito dentro daquele coletivo. Além da vulnerabilidade que possuía por ser mulher, o fato de ser negra a colocava em uma posição de "perigosa", "selvagem" ou até mesmo "animalesca". Para os passageiros do coletivo, era fácil e de senso comum associar uma mulher com essas características aos bandidos que assaltaram. Mesmo que Maria tivesse trocado palavras com um deles, não lhe deram o direito de defesa; sua voz já havia sido silenciada por aqueles passageiros, que, fartos da insegurança do transporte público, queriam se defender e revidar. Infelizmente, Maria estava no local errado e na hora errada, mas seu gênero e sua raça a tornavam o único alvo ali.

> Alguém gritou: "lincha! Lincha! Lincha!" Enquanto alguns passageiros desciam, outros partiam em direção a Maria. O motorista tentou intervir: "calma pessoal! Que loucura é essa? Eu conheço essa mulher, ela pega esse ônibus todo dia, vem do trabalho, luta para sustentar os filhos…" mas o grito persistiu. Maria sangrava pela boca, nariz e ouvidos. Sua sacola se rasgou, e as frutas rolavam pelo chão. "será que os meninos iriam gostar de melão?" (EVARISTO, 2014, p. 25-26).

Nesse episódio, fica evidente como certos corpos são marcados para a violência e a morte a partir de construções sociais e históricas que desumanizam e desvalorizam vidas específicas. Maria, sendo mulher e negra, foi automaticamente vista como perigosa, tornando-se um alvo fácil para a violência dos passageiros do coletivo, que prontamente se colocam como soberanos de seu corpo e de sua vida. Esse cenário reflete um sistema em que algumas vidas são consideradas descartáveis, enquanto outros se veem no direito de decidir quem deve sofrer ou perecer. A lógica ali presente não foi apenas a de punição, mas de eliminação: Maria não teve direito de defesa, pois sua identidade, naquele contexto, já a colocava como culpada. Seu corpo foi transformado em alvo legítimo da fúria coletiva, evidenciando como algumas vidas são constantemente expostas à violência e à morte sem que isso gere indignação ou uma reflexão sobre a fragilidade da ordem social. A soberania, conforme discutida por Mbembe, é o controle sobre a morte, onde certos corpos, como o de Maria, são considerados descartáveis. Como o autor afirma, "a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e

na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer." (MBEMBE, 2018, p.7). No caso de Maria, sua vida foi decidida e rebaixada aos olhos da coletividade, que assumiu a posição de juiz e executor, determinando que ela, por ser mulher e negra, não tinha direito à defesa ou à preservação de sua vida.

Este momento, mesmo trágico, carrega uma ironia silenciosa. Mesmo em meio a tanta dor, Maria ainda pensava nos filhos, desejando vê-los bem. Nem mesmo a intervenção do motorista foi capaz de frear a violência dos passageiros, que, já convencidos de sua culpa, tomaram a justiça em suas próprias mãos. Maria, mãe solo, estava pagando pelo erro de um homem, e o abandono paterno se mostrava como um peso naturalizado na sociedade. Surge então a reflexão: se Maria fosse branca ou homem, seu destino teria sido o mesmo? O sexismo, combinado ao racismo, tornou sua situação ainda mais vulnerável. Como afirma Akotirene, "o cruzamento do racismo e sexismo gera vulnerabilidades e ausência de seguridade social para mulheres negras" (AKOTIRENE, 2019, p. 37). Maria, nesse sentido, não era apenas vista como culpada pelo ato em si, mas por ser mulher e negra, o que a colocava em uma posição ainda mais precarizada e sujeita à eliminação, não só pelo que fez, mas pelas camadas de raça e gênero que a separavam dos outros. Essa dinâmica de poder se alinha ao conceito de soberania de Mbembe, pois foi o coletivo que, ao decidir sobre a vida de Maria, exerceu um controle sobre ela, tornando sua morte simbólica e física uma consequência natural de sua condição racial e de gênero.

> Tudo aconteceu tão rápido. Maria sentia saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo aquilo com ela? Ele sussurrou um abraço, um beijo, um carinho para o filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir a mensagem. Estavam armados com facas a laser, que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou e a polícia chegou, o corpo de Maria estava dilacerado, pisoteado. Ela queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (EVARISTO, 2014, p. 26).

O conto "Maria" expõe as engrenagens da necropolítica ao revelar como corpos negros são marcados para a violência e a morte sem direito à defesa. Entretanto, ao narrar a trajetória de Maria, Conceição Evaristo insere sua história dentro da tradição da escrevivência, recusando o apagamento de sua memória. A autora não apenas denuncia a lógica que desumaniza essas mulheres, mas também ressignifica suas experiências ao transformá-las em literatura. Se, na realidade, o linchamento de Maria a condenaria ao esquecimento, na ficção ela se torna um testemunho da violência estrutural e da resistência feminina negra. O ato de narrar, portanto, desafia a soberania necropolítica ao escrever essas histórias no tecido social e cultural.

Durante a discussão no clube de leitura, um dos participantes expressou com grande emoção o impacto que o conto "Maria" causou nele. Ele começou refletindo sobre o que sentiu ao ler a história:

> Eu acho que, se eu pudesse definir o sentimento que eu senti quando... Se eu pudesse definir uma palavra, né, que eu senti quando eu estava lendo o conto, eu acho que foi algo... Acho que a palavra... Era dilaceramento. Eu me senti muito dilacerado enquanto eu estava lendo. Muita coisa me tocou nesse conto, né? Muita coisa acontece nele. E assim como comentaram, eu também não pude deixar de pensar na minha mãe, nas minhas avós, nas minhas tias. É impossível não pensar nessas pessoas lendo esses contos. E eu fiquei pensando que o problema ali no conto, ele já começa com a forma que a Maria é tratada pelos patrões. Já começa na forma em que ela está numa situação tão difícil que para ela um osso de pernil vai ser a salvação da noite, sabe? Vai ser o alimento que ela vai levar para os filhos, uma coisa que ia para o lixo. Também eu me senti muito impactado com a violência que ela sofre do linchamento. Afastada da humanidade. Da forma como ela é tratada ali pelos passageiros do ônibus. Da forma como eles não deixam nem que ela consiga se defender, com que ela fale. E que mesmo quando o motorista vai lá para tentar defendê-la, isso não adianta nada. Porque é uma mulher preta. Então, para aqueles passageiros do ônibus era como se ela fosse nada ali naquele momento. Eles estavam tratando ela como nada. Até transformaram ela em nada. Eu acho que eu me senti muito... Eu falei até com a ***** mais cedo que desde que eu comecei a ler o livro, eu já vou me preparando psicologicamente para os pontos. Porque sempre vai acontecer alguma coisa que vai te deixar assim. A gente já espera uma tensão, né? Desde os contos da semana passada, a gente já começa a ler os outros contos esperando alguma coisa. Uma coisa que vai te quebrar, uma coisa que vai te deixar assim. E Maria me pegou muito. Eu acho que dos três contos foi a leitura que mais me impactou. Eu não estava esperando e... Eu acho que dá para perceber que eu estou levemente agoniado até para falar. Porque foi um conto que me deixou agoniado. Foi um ponto que me deixou engasgado, que me deixou com vontade de chorar, que me deixou... Dilacerado. Essa é a palavra. (PARTICIPANTE DO CLUBE, 2023).

Essa fala reflete de maneira clara o impacto emocional que a leitura teve no participante, ao mesmo tempo em que revela o quanto a violência e a marginalização enfrentadas pela personagem Maria podem ser sentidas pessoalmente. Ela também toca em uma questão fundamental da obra: a condição das mulheres negras na sociedade, como exemplificado pela Maria, uma mulher constantemente desumanizada e invisibilizada, tanto por sua condição de classe quanto por sua identidade racial.

Outra participante compartilhou suas impressões sobre o conto. Ela, ao relatar suas experiências pessoais e a conexão com sua tese, trouxe à tona a questão da exploração do trabalho feminino, especialmente em contextos de desigualdade racial e social. A participante refletiu sobre a dinâmica entre a personagem Maria e seus empregadores, destacando as dificuldades enfrentadas por mulheres negras, como a invisibilidade e a cobrança de um comportamento passivo e doce. A seguir, transcrevemos o comentário dessa participante:

> Esses três contos foram bem difíceis para mim, questões pessoais e também porque estou muito mergulhada na minha tese e estou ficando sensível, muito sensível, né? Estou parindo aí a tese. Talvez por isso. Mas então eu coloquei a questão que o Marcos colocou do osso, o osso que seria jogado fora, né? Mas ela viu alguma serventia. Mas também a questão da gorjeta. Se ela se cortou e ela disse que foi num domingo, Maria trabalhou no final de semana e só recebeu uma gorjeta. Eu fiquei pensando, né? Como é que algumas pessoas se acham no direito de explorar outras pessoas com a desculpa esfarrapada e perversa de que é quase da família? Como eu cresci escutando muitas vezes, sabe? Então, se é quase da família, né? E eu fiquei me perguntando, Maria sentou à mesa da família? Será que Maria provou o pernil que ela cortou, que ela fatiou? Que ela fez, né? Provavelmente. Eu me lembro que minha mãe foi empregada doméstica e às vezes não voltava comida. Ela não tinha o que comer porque o almoço tinha sido servido. E ela teria que comer depois. Então eu pensei que se Maria tivesse cobrado uma diária ela possivelmente seria taxada de ingrata. Talvez até agressiva. Que é um dos estereótipos da mulher negra, né? E a gente tem esses estereótipos, né? Da mulata sexualizada e da negra rebosa. E só para finalizar, Maria era incrivelmente doce e passiva, né? Exatamente. (PARTICIPANTE DO CLUBE, 2023).

A reflexão da participante, em diálogo com o conto, traz à tona a dificuldade de reconhecer a humanidade da personagem Maria, que, como muitas mulheres negras, é tratada como invisível e subalterna, mesmo quando realiza o trabalho essencial de sustentar sua família. A transcrição também evidencia o peso de certos estereótipos que marcam as mulheres negras, como a da mulher submissa e a da mulher sexualizada, refletindo como esses estereótipos são usados para justificar a exploração e desumanização dessas mulheres.

Esse comentário da participante nos leva a repensar as relações de poder que moldam a experiência de vida das mulheres negras, especialmente dentro das dinâmicas de classe e raça. Essas questões de exploração, invisibilidade e estigmatização estão no cerne do conto de Maria, e suas reflexões contribuem para uma leitura mais profunda das complexas relações sociais descritas na obra.

A cor da pele, combinada ao gênero, colocava Maria em uma posição vulnerável, de acordo com as normas sociais, tornando-a suscetível a diversos tipos de violência. Contudo, na fala final da participante, é enfatizado que Maria possuía um comportamento bondoso, muitas vezes submisso, o que reflete o ensinamento cultural de que mulheres negras devem se submeter aos que ocupam posições superiores em termos de hierarquia social ou de gênero.

Para os participantes do clube de leitura, foi difícil seguir para a discussão dos outros contos, tamanha foi a sensação de impacto, como se tivessem levado um soco no estômago. O conto de Maria desperta em nós não apenas empatia, mas também uma revolta profunda diante de tamanha injustiça e violência contra uma pessoa inocente, cuja única intenção era chegar em casa para entregar o osso de pernil e os melões para seus filhos.

Dessa forma, a leitura de *Maria* evidencia como a ficção dialoga com a realidade, tornando visíveis as histórias silenciadas de tantas mulheres negras periféricas. A semelhança

entre Maria e Cláudia da Silva Ferreira, levantada durante as discussões no clube de leitura, reforça o caráter sistêmico da violência de gênero e racial, que persiste como um mecanismo de controle social. Cláudia, baleada e arrastada pela polícia militar em 2014 enquanto voltava do mercado para alimentar seus filhos, tornou-se mais um dos muitos nomes apagados pela brutalidade do Estado. O nome da protagonista carrega um simbolismo poderoso: Maria é mãe, trabalhadora, mulher comum, uma entre tantas que lutam diariamente pela sobrevivência em um contexto de desigualdade e opressão.

Como sintetizou uma participante do clube:

"**Maria, Maria**"

> Quantas Marias encontramos na sociedade, nas comunidades? Pobres mulheres negras trabalhadoras, que se envolvem com seus homens bandidos e acabam pagando o preço pelos crimes que eles cometem? E sustentam seus filhos sozinhas. 'Maria, Maria, uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta'. (PADLET, 2023).

Esse comentário sintetiza a potência do conto ao evocar o caráter coletivo da experiência de Maria. Ele não apenas evidencia a recorrência dessa violência, mas também questiona os discursos que culpabilizam essas mulheres por suas próprias tragédias, ignorando as estruturas opressivas que as colocam nesse lugar de vulnerabilidade. Mais do que uma personagem, Maria representa uma história que se repete, um chamado à reflexão sobre as tantas vidas interrompidas e sobre o direito dessas mulheres de viver e amar plenamente.

Considerações finais

O processo de análise literária no clube de leitura online *Escrevivências Ciberfeministas* revelou-se um espaço de intensa reflexão sobre as narrativas de Conceição Evaristo, ampliado pela diversidade de interpretações provenientes de diferentes perspectivas individuais. Cada participante trouxe para a leitura não apenas o conhecimento teórico e acadêmico, mas principalmente sua bagagem emocional e vivências pessoais, o que se refletiu diretamente na maneira como abordaram as obras. A leitura crítica de cada um foi profundamente influenciada pela relação que cada indivíduo estabelece com as questões de raça, gênero, classe e memória, presentes nas narrativas de Evaristo. Para alguns, as histórias encontraram ressonância em suas próprias trajetórias de vida, seja pelas lutas raciais, pela experiência de opressão de gênero ou pela intersecção dessas questões com suas histórias familiares e comunitárias.

A partir desse entrelaçamento entre leitura crítica e vivências pessoais, o grupo foi capaz de construir uma análise mais rica e multifacetada das obras. A literatura de Evaristo, que é marcada por uma escrita visceral sobre a luta, a dor, o prazer e a resistência das mulheres negras, tocou profundamente em diferentes dimensões da experiência humana. Para alguns participantes, o texto ressoou como um espelho de suas próprias histórias de resistência, enquanto para outros, serviu como um convite à reflexão sobre realidades distantes, mas igualmente urgentes.

A bagagem emocional de cada leitor fez com que as discussões se tornassem, muitas vezes, uma catártica reavaliação de identidades e narrativas pessoais. Cada comentário, cada reflexão, refletia a perspectiva de um sujeito com uma história própria e singular, mas ao mesmo tempo conectada a um tecido social mais amplo. O olhar sobre a violência, a resistência e o desejo nas obras de Evaristo não eram apenas intelectuais, mas também profundamente afetivo. Quando um participante falava sobre a experiência de ser mulher negra, por exemplo, a análise literária se mesclava com uma vivência de luta pessoal, tornando a interpretação não apenas teórica, mas visceral.

Essa dinâmica de leitura não só ampliou as possibilidades de compreensão das obras, mas também estabeleceu um elo entre as pessoas. Ao partilhar suas próprias vivências e percepções, os leitores não estavam apenas enriquecendo a leitura das obras de Evaristo, mas também criando uma rede de empatia e solidariedade. A experiência do clube de leitura, então, foi uma verdadeira construção coletiva de conhecimento, onde a troca de experiências e visões de mundo não só aprofundou a interpretação literária, mas também se tornou um processo de transformação pessoal e social.

A potência do clube de leitura online *Escrevivências Ciberfeministas* se revela na sua capacidade de transcender o ato individual de leitura para um processo colaborativo e dialógico. Quando as interpretações se entrelaçam com vivências tão distintas, a literatura se torna um espaço de múltiplas vozes e leituras possíveis, mas que, ao mesmo tempo, se unem em torno de um objetivo comum: a compreensão mais profunda das questões interseccionais que atravessam a sociedade. A leitura crítica de um grupo, enriquecida pelas histórias de vida de seus participantes, cria uma visão mais plural e complexa das obras literárias, e, ao fazer isso, propõe um modelo de leitura mais democrático, inclusivo e transformador.

No conto trazido para discussão deste estudo, é possível perceber como as estruturas interseccionais e, principalmente, a ausência da discussão delas, determinaram o destino da personagem Maria. Ela estava imersa em sistemas e hierarquias que foram impostas desde o

nascimento, onde não possuía espaço e voz. Com os preceitos da necropolítica, também foi possível compreender o poder que outras pessoas e organizações têm sobre a vida desses indivíduos, dispostos a eliminar qualquer um que pareça ser uma ameaça, seja pela polícia, por passageiros de um ônibus, ou por patrões abusadores, que não matam apenas o corpo, mas também o ser.

Essa leitura, através de uma lente interseccional, traz uma abertura muito mais ampla para analisar a vida e as nuances das personagens de Conceição Evaristo, principalmente as mulheres negras, que estão no escopo principal desta pesquisa, já que as políticas que beneficiam as mulheres brancas e os homens não alcançam esse grupo, tornando-as vulneráveis a todo e qualquer tipo de violência. Em síntese, o clube de leitura online *Escrevivências Ciberfeministas* demonstrou como a literatura pode ser um instrumento poderoso de reflexão e transformação social, ao permitir que as experiências individuais se entrelacem com a análise crítica das narrativas. Ao integrar as vivências pessoais dos participantes com as questões interseccionais presentes nas obras de Evaristo, o grupo construiu uma leitura mais rica e plural, que não só aprofundou a compreensão das questões de raça, gênero e classe, mas também reforçou a importância de espaços de diálogo, empatia e solidariedade na construção de uma sociedade mais justa. O processo de leitura, portanto, revela-se como um caminho para a transformação, tanto individual quanto coletiva, ampliando as possibilidades de resistência e ação contra as formas de opressão que ainda persistem.

Referências

AKOTIRENE, Karla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019.

BARROS, Raquel Silva (Org.). *CONTO 4 - MARIA*. 2023. Disponível em: https://padlet.com/profraquelsilvabarros/frases-e-trechos-marcantes-l6qxslszfj5590um. Acesso em: 9 fev. 2025.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo, 2005.

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006. PAIVA, A.; RODRIGUES, P. C. A.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida à TV UNIVESP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h3X1YYjAm2k. Acesso em: 09 abr. 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MENEZES, Marcos. *A Interseccionalidade e a Docência Literária em Três Contos de Olhos D'Água, de Conceição Evaristo.* 2024. 56 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2024.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura* / Edméa Santos. – Teresina: EDUFPI, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.